

# Redes e Capital Social

**Gilberto Fugimoto**

## Redes

Há uma tradição histórica em acreditar que a organização social – de pequenos grupos a nações – “naturalmente” necessita ser hierárquica. Desde os primórdios da organização humana há senhores, chefes, caciques, faraós, reis, imperadores prevalecendo sobre servos, vassalos, escravos, súditos em tribos, vilas, cidades, reinos.

Adotar novos paradigmas de organização horizontal implica exercitar o raciocínio em bases distintas da tradição cultural das civilizações. Entretanto, redes sociais podem ser entendidas como a forma de expressão mais básica de organização humana, que se expressa nas relações pessoais que cada um de nós desenvolve.

Mas se Redes Sociais pode ser associado a um fenômeno tão antigo quanto a organização humana, como explicar a novidade do conceito? Por que o súbito interesse nesta nova abordagem organizacional?

Enfrentar os desafios sociais da atualidade requer uma visão sistêmica que permita considerar as diferentes forças e vetores que interagem na realidade. Uma concepção cartesiana tende a simplificar a teia de possibilidades e relações que envolvem os grupos sociais.

Articulação em redes – sociais, comunitárias – representa um esforço de comunicação, uma confiança no coletivo; uma aposta radical na democracia que se expressa nas relações cotidianas.

Redes Sociais tornam-se instrumentos que permitem incluir a diversidade e a participação coletiva dos atores sociais. Além disso elas podem ser encaradas não só como instrumentos, como também indicadores de um fenômeno social mais amplo – o capital social.

## Capital Social

As conexões que os indivíduos estabelecem em uma comunidade através de redes – sociais ou comunitárias – podem produzir um ambiente de confiança mútua que pode agir em benefício coletivo.

Redes, normas e confiança são elementos essenciais na definição de capital social. Confiança facilita cooperação; quanto maior a confiança entre pessoas de uma comunidade, maior a probabilidade de cooperação entre elas. Embora haja muitas normas de comportamento que contribuam para formar capital social, a cooperação é de longe a mais importante. Sua difusão proporciona um ambiente de trocas mútuas.

Poderíamos então definir Capital Social como uma estrutura social que facilita ações de cooperação entre atores sociais. Sua definição no entanto não é tangível como capital físico ou humano, uma vez que ele se expressa nas relações entre as pessoas. Em resumo o conceito enfatiza a quantidade e qualidade de conexões entre indivíduos numa comunidade e como elas influenciam o funcionamento desta.

Políticas governamentais apresentam respostas mais efetivas em sociedades com Capital Social desenvolvido. Considera-se que normas, confiança e redes sociais – formadoras de capital social – contribuem para melhorar a educação, reduzir a pobreza, inibir o crime, incentivar o desenvolvimento econômico.

## Capital Social e Lazer

A falta de cidadãos participando em suas comunidades vem sendo objeto de exame recente. Além de afetar os relacionamentos pessoais e de vizinhança, esta falta de participação comunitária é citada como a principal razão para o declínio do envolvimento social que contribui para o desenvolvimento de comunidades.

Nota-se que uma queda significativa do nível de participação em movimentos sociais e no capital social é atribuída à privatização do tempo de lazer do trabalhador proporcionada principalmente pela televisão. Sem oportunidade de interagir com outros fora de seu espaço familiar, as redes sociais são perdidas, diminuindo a cooperação e a participação social.

Este aspecto parece ser especialmente significativo para uma instituição como o SESC, que há quase 60 anos se propõe promover o lazer como instrumento e indicador da qualidade de vida do trabalhador e de sua comunidade.

## Redes Globais, Redes Locais

As questões acima nos remetem a reflexões mais amplas sobre os caminhos da sociedade contemporânea. A globalização e a tecnologia em excesso contribuirão para diminuir o senso de comunidade e pertencimento ao local? Ou novas identidades comunitárias serão forjadas na luta e na resistência à onda global?

Ou ainda ambas hipóteses serão válidas? Sendo assim, de que forma esses fluxos planetários de capital, insumos e informação, que tecem uma nova teia global, contribuem para tecer (ou desfazer) redes locais?

### Conclusão

Buscar caminhos para a transformação social através da participação coletiva e a criação de um ambiente de confiança e participação em redes comunitárias, pode parecer óbvio. Seria, não fossem os enormes muros erguidos pelo homem nas conexões consigo mesmo e o próximo.

Rio, setembro 2005

[gilbertofugimoto@sescrio.org.br](mailto:gilbertofugimoto@sescrio.org.br)

Veja também:

de  
Cássio Martinho  
Redes

de  
Luiz Fernando Sarmiento  
Idéias: Rodízio Criativo  
Redes Comunitárias  
Redes na Prática  
Reflexões Sobre o Homem Novo  
Sonho e Realidade  
Visão de Mundo